
DAS RELAÇÕES ENTRE EXEMPLO E PARRESIA: FORMAS DE EVANGELIZAÇÃO CATÓLICA

Evandro de Sousa Bonfim

Centro Brasileiro de Análise e Planejamento – São Paulo
São Paulo – Brasil

A noção de testemunho está intimamente ligada à principal forma de ação do cristianismo sobre o mundo, a evangelização, sendo que, em certas experiências cristãs, evangelizar e dar testemunho se conformam como o mesmo ato. Conforme mostra Badiou (2009) ao tratar da importância do apóstolo Paulo, a transmissão das boas novas envolvia a atestação pública de determinado fato como verídico e histórico: a ressurreição do Cristo, fundamento da nova modalidade de culto que se distanciava do Judaísmo.

A verdade acerca da vida e ressurreição de Cristo, retomada em inúmeros episódios neotestamentários como os relatos dos milagres, as chagas vistas por Tomé, a Ascensão após 40 dias, o episódio da Estrada de Damasco, as visões do Cristo glorificado no Apocalipse e, ainda com mais importância para a Igreja Primitiva, a transferência do Espírito Santo via imposição de mãos constituíam as principais experiências de evangelização do começo do cristianismo, que se expandia da Judéia e da Galiléia aos demais territórios romanos. Tais modelos inscritos na memória discursiva bíblica e das religiões cristãs têm gerado atualmente certa tipologia do testemunho, que geralmente destaca duas modalidades básicas: o *exemplo*, dentro da tradição católica, e os *relatos pessoais* acerca da conversão e da vivência de milagres, hoje relacionados com as denominações pentecostais.

O objetivo do artigo é apresentar outra concepção de testemunho surgida no interior do catolicismo, o dom da *parresia*, que aparece em contraposição à atitude

considerada passiva da vida exemplar, constituindo-se como o diferencial de grupos ligados à Renovação Carismática¹. Serão apresentadas, a partir de dados etnográficos, as principais concepções e formas de exercício do dom parresíastico, para depois se refletir sobre o lugar dessa modalidade de testemunho dentro do cristianismo, em especial no que diz respeito às relações da Igreja Católica com a alteridade. Tal descrição será feita em cotejamento com a discussão realizada por Foucault (2011) acerca das modalidades de atestação da verdade atuantes no mundo antigo, com especial atenção para a parresia, cujos desenvolvimentos no mundo político e filosófico ateniense se vão distanciando historicamente do modelo adotado pelo cristianismo, embora compartilhando a mesma palavra grega.

O contato com a parresia como dom pneumático deu-se durante minha pesquisa com a comunidade carismática Canção Nova (Bonfim 2012). A Canção Nova (CN) apresenta-se, ao lado do Shalom, como uma das principais experiências comunitárias do carismatismo brasileiro, destacando-se pela utilização das mídias como expressão de “monções” do Espírito Santo², ênfase chamada de dom Canção Nova. É importante ressaltar que as instalações da Canção Nova no Vale do Paraíba paulista, onde o grupo surgiu em meados da década de 1970, dão apoio a duas outras importantes comunidades carismáticas, a Bethânia, criada pelo falecido Padre Léo, importante colaborador da CN, e a Toca de Assis, que se diferencia das demais por formar religiosos carismáticos com inspiração franciscana. Assim, o material discutido a seguir tem caráter transcomunitário, baseado em conversas e observações realizadas não com dirigentes, mas com adeptos comuns, com práticas e interpretações particulares acerca da parresia.

“Reinflama o carisma”

Estava na pequena biblioteca da casa comunitária em Queluz quando o irmão Marcelo, da Toca de Assis³, me introduziu ao dom: “É este livro que você precisa ler para entender a Canção Nova”, disse de forma assertiva. O livro chamava-se *Reinflama o carisma*, de autoria do fundador do grupo, monsenhor Jonas Abib. Marcelo deixou-o aberto na página em que o padre comenta a primeira onda evangelizadora realizada pelos apóstolos após o Pentecostes, em especial o texto de Atos 4:31: “Quando terminaram a oração, tremeu todo o lugar onde estavam reunidos. Todos ficaram cheios do Espírito Santo e anunciavam corajosamente a palavra de Deus” (na versão da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB; ou “e anunciaram com intrepidez”, na versão da Ave Maria, outra tradução católica usada pelos carismáticos). Do trecho, padre Jonas destaca o termo grego *parresia*, que se associa no relato ao advérbio “corajosamente” da tradução da CNBB (e vertido como a locução “com intrepidez” na versão da Ave Maria). Na acepção carismática, parresia significa a disposição entusiasmada e impetuosa de pregar o evangelho. É identificada pela Canção Nova como dom do Espírito Santo. Não consta na lista dos dons pneumáticos fornecida por Pau-

lo na epístola de Coríntios, tratando-se, portanto, de inovação da comunidade, um “novo dom do Espírito Santo”, apesar de já ter se manifestado nos tempos apostólicos.

A leitura particular que monsenhor Jonas dera para aquele versículo parecia chamar a atenção de Marcelo tanto quanto a minha, que, embora familiarizado com o texto, jamais poderia imaginar tal conexão. Principalmente porque ser “corajoso” ou “intrépido” seriam atributos que manifestam a personalidade do indivíduo. Contudo, a coragem também se tornava dádiva outorgada divinamente para aqueles que precisassem pregar as boas novas em contextos difíceis ou fossem inibidos de fazê-lo. Para Marcelo, da Toca de Assis⁴, “o atrevimento no Espírito”, como o dom é alternativamente chamado, o interesse no livro residia na importância do dom para os próprios integrantes da Toca de Assis (chamados de toqueiros), que precisam abordar as pessoas nas ruas e lhes transmitir a mensagem cristã, em adição a todo o trabalho de assistência à população de rua que o grupo desenvolve.

Em *A Coragem da Verdade* (2011), livro que recupera o último curso dado por Michel Foucault no Collège de France, o filósofo apresenta as origens gregas da parresia, descrita como modalidade de dizer a verdade com a qual o enunciador está comprometido, vínculo necessário que a distingue da *retórica*. Ao parresiasta cabe dizer verdades desconfortáveis para quem as ouve, o que coloca em risco o próprio enunciador, acionando o atributo da coragem. O parresiasta apareceria, sobretudo, como questionador político capaz de dizer verdades ao tirano e – com mais dificuldade por conta da latitude discursiva do modelo democrático – ao povo.

Há ainda outra nuance interessante da coragem do parresiasta carismático que corresponde ao termo nativo “ousadia”, que envolve não a relação com os alocutários, mas com as demais formas de evangelização das quais se distingue. Continuava nas minhas anotações quando fui novamente interrompido pelo irmão Marcelo, que desta vez trazia a biografia de Dom Bosco constante da pequena biblioteca. “Você conhece Dom Bosco? Na época dele ele não era bem compreendido por causa dos métodos de evangelização diferentes, que ele mesmo inventava. Dom Bosco era ousado. Ele tinha um jeito informal, brincava com as pessoas. Mas estava sempre preocupado em como evangelizar as pessoas no mundo atual, usando a comunicação, a educação, para salvar almas. A Canção Nova também é assim”. De acordo com Paula Montero, em completa descrição sobre as origens e expansão das missões salesianas a partir das etnografias elaboradas pela ordem, São João Bosco afastava-se sensivelmente do modelo monástico de formação clerical, buscando uma obra de caráter pastoral, fundada nos chamados “oratórios festivos”. “As casas salesianas que fundou pouco se assemelhavam, pois, aos seminários bem disciplinados, ascéticos e fechados para o mundo que caracterizava a formação de sacerdotes naquele momento” (Montero 2012:68). Neste ambiente predominava a mistura entre artesão e estudantes laicos, clérigos, aspirantes e professores, sem rotinas rígidas para as diversas categorias.

Marcelo conecta a Canção Nova a Dom Bosco não pela linhagem formal salesiana (ordem religiosa à qual monsenhor Jonas pertencia), mas pela transferência

espiritual transgeracional do dom relativo à ousadia de se evangelizar já mencionada anteriormente, agora acrescida ao manejo de métodos não convencionais. Seguindo o senso de atualidade de Dom Bosco, a parresia da comunidade se manifestaria, assim, pela utilização dos meios de comunicação e de outros elementos do mundo contemporâneo.

Ao tomar as mídias como instrumento da parresia, os carismáticos associados à Canção Nova estão se valendo de um princípio de comunicação inerente ao próprio cristianismo, o da *disseminação*. Peters (1999), em discussão sobre a história da ideia de comunicação, ressalta como o comprometimento com o diálogo impede a apreciação no Ocidente de outras formas de comunicação. “O persistente padrão do diálogo, especialmente se ele significa atos de fala recíprocos entre comunicadores vivos com algum grau de presença entre eles, pode estigmatizar em grande maneira as coisas que podemos fazer com as palavras” (Peters 1999:34, tradução nossa).

Sócrates, sobretudo no *Fedro*, seria o patrono da comunicação dialógica, ao passo que outro modelo emergiria dos motivos comunicacionais empregados por Jesus, principalmente nos evangelhos sinópticos, estando presente, por exemplo, na parábola do semeador. Peters apresenta as duas propostas comunicativas da seguinte forma:

Estas duas concepções de comunicação – diálogo entre pares próximos e disseminação entre pessoas frouxamente relacionadas – continuam hoje em dia. O *Fedro* clama pelo amor íntimo que liga o amante e o ser amado em um fluxo recíproco; a parábola do semeador fala de um amor difuso que é igualmente amistoso para todos. Para Sócrates, o diálogo entre o filósofo e o pupilo pressupõe um contato face a face, interativo, único e irreproduzível. Nos evangelhos sinópticos, a Palavra é espalhada uniformemente, dirigida a ninguém em particular e com destinação aberta (1999:35, tradução nossa).

A reciprocidade do diálogo produz a intimidade, enquanto o modelo da disseminação produz expansividade. É neste ponto que a parresia descrita por Foucault, entendida como desenvolvimento do diálogo franco no contexto do cuidado de si – que corresponde, segundo o autor, ao projeto socrático que rompe com a antiga parresia política ateniense (2011:75) –, se distancia do modelo de parresia retomado pelos católicos não cessacionistas brasileiros, que tem como princípio a transmissão massiva de algo a mais do que a conversa entre duas almas.

A parresia no âmbito carismático não poderia deixar de envolver a principal característica deste tipo de catolicismo, a experiência com o Espírito Santo. Tanto eu como o irmão Marcelo recebemos a oração com imposição de mãos – e consequente infusão pela pessoa divina – como forma de acolhimento na Casa de Maria, local onde surgiu o dom Canção Nova. Ao comentarmos sobre a experiência, irmão Marcelo explicou que o testemunho através da transmissão do Espírito Santo constitui a

expressão maior da parresia. O relato da sua transformação em pessoa pneumática e, portanto, em parresiasta, mostra bem como a transferência paraclética pode ser uma experiência extrema para o destinatário:

Fui criado no catolicismo, mas a Igreja Católica não me atraía. Saí procurando, e sofria muito por não achar aquilo que eu queria, ter uma experiência com Deus. A religião que eu passei mais tempo antes de receber o batismo do Espírito Santo foi o budismo. Então eu vi que tinha que procurar as respostas na minha própria Igreja, a Igreja Católica. Fui até a igreja da minha paróquia, procurei pelo grupo de oração. Lá recebi a imposição de mãos e fui batizado pelo Espírito Santo. Nunca tinha sentido algo assim antes. Depois de ter sido batizado pelo Espírito Santo, eu estava tão cheio do espírito de Deus que não conseguia me conter. Em uma manhã, um pedinte apareceu na porta de casa querendo dinheiro. Deus me disse no meu coração que aquela pessoa ia usar o dinheiro para beber. Então eu fiz como Pedro e disse a ele: “Não tenho nenhum dinheiro, mas o que eu tenho eu lhe dou, pelo poder do nome de Jesus de Nazaré” e coloquei minhas mãos sobre ele. O senhor caiu imediatamente no chão e eu pensei: “matei o homem do coração!”. Fiquei aflito, mas ele estava respirando, então vi que ele estava no repouso do Espírito. Depois descobri que estas coisas sempre aconteceram na história da Igreja [...].

Depois de introduzir experiências como o repouso do Espírito Santo (espécie de dormência causada pelo preenchimento espiritual, signo da atividade pneumática como a glossolalia), o próprio irmão Marcelo faz o contraste entre o exemplo, a agência cristã contemplativa e o modelo de ação da parresia:

O que o monsenhor Jonas está fazendo é forte também, faz parte dessa história. Mas ele tem a ousadia de falar isso diretamente para as pessoas, esta é a diferença. Durante muito tempo a principal maneira da Igreja Católica evangelizar as pessoas foi através do exemplo. Faltava mais ousadia, falar diretamente para as pessoas sobre Cristo. Não quero dizer com isso que as outras formas de evangelização e vida espiritual não sejam importantes. Por exemplo, as ordens contemplativas, que se dedicam exclusivamente à oração. Na Toca de Assis existem irmãos que são somente contemplativos. Se não fosse por eles, não aconteceriam coisas como na China, onde as pessoas conseguiram sintonizar uma rádio cristã e por isso ouviram falar de Cristo. Você sabe como é difícil a vida dos cristãos na China. Como isso é possível? É através da intervenção das orações que faz milagres assim acontecerem. Mas é preciso

mais, é preciso mostrar às pessoas o que está na Bíblia; mas com jeito, procurando argumentar, algo que é característico dos católicos e que os evangélicos, por exemplo, não costumam fazer. Para eles basta dizer que está na Bíblia.

Nesta explicação, irmão Marcelo mostra a diferença entre a parresia e a versão cristã de outra modalidade de veridicção descrita por Foucault, aquela representada pelas palavras do sábio. Embora compartilhe eventualmente conhecimento, o sábio prefere o silêncio e o isolamento em que pode refletir sobre as verdades profundas acerca do ser e do mundo. No cristianismo, tal figura sábia encontra perfeita expressão nos santos anacoretas, que se exilavam nos ermos onde ocasionalmente recebiam peregrinos para aconselhamento. Por se retirarem do mundo para viver em contemplação, os santos do deserto tornavam-se as figuras exemplares por excelência do cristianismo primitivo. No entanto, como mostra Peter Brown (1999), o quietismo dos tebaidistas buscava a sustentação da vida cristã nas cidades mediante orações contínuas. Da mesma maneira, no presente, as orações de ordens contemplativas fariam com que ondas sonoras alcançassem a China.

Em contraste, o parresiasta não pode se conter, ele deve interpelar as pessoas para transmitir a verdade que possui. Damião, responsável pela livraria da Canção Nova no Rio de Janeiro, conta como ele exerce o dom: “as pessoas vêm olhar os livros nos expositores, eu não perco a oportunidade. Sempre falo alguma coisa, comento sobre o livro, pergunto se ela conhece a Bíblia, as promessas de Deus. Porque não podemos ficar calados, porque se a gente ficar calado, até as pedras falarão!”. A parresia de Damião envolve ainda fazer inserções semanais na programação da rádio Canção Nova do Rio de Janeiro, tratando das temáticas contidas nos livros e divulgando lançamentos. A interpelação parece se apoiar na abordagem típica do comércio popular, pois a livraria está nas adjacências da SAARA, importante área comercial do centro da capital fluminense, associada à propaganda por radiodifusão, que visa ampliar o alcance da ação parresiástica.

Se tal manifestação de “ousadia” através das técnicas de marketing se assemelha a atividades de pregação já consolidadas em outros cristianismos, como o neopentecostal, a fala do irmão Marcelo transcrita anteriormente abre espaço para a diferenciação externa. Os “evangélicos” teriam limites na abordagem direta por permanecerem apenas na reprodução do texto bíblico. Conforme mostra Foucault, a parresia contrasta com outra instância de veridicção importante: a *profecia*. A oposição principal reside no caráter críptico da enunciação profética em contraposição à exigência de clareza da fala parresiasta. “O parresiasta não fala por enigmas, diferentemente do profeta. Ele diz, ao contrário, as coisas de modo mais claro, mais direto possível, sem nenhum disfarce, sem nenhum ornamento retórico, de sorte que suas palavras podem receber diretamente um valor prescritivo. O parresiasta não deixa nada para interpretar” (Foucault 2011:16).

A parresia moderna analisada por Foucault também emerge da profecia na medida em que Sócrates, o modelo *par excellence* do parresiasta foucaultiano, procura não interpretar as palavras do oráculo de Apolo acerca de quem era o homem mais sábio da Grécia, seguindo a atitude tradicional diante dos pronunciamentos de Delfos. Antes, o filósofo resolve confrontar a enunciação oracular ao testar-lhe o conteúdo através de conversas com todos os tipos de cidadãos atenienses, da nobreza aos artesãos. Para o irmão Marcelo, os evangélicos permanecem no nível profético da mensagem, que impossibilita a plena ação da parresia, devido à grande possibilidade de incompreensão. A solução dada por ele, conforme visto, é a mesma rejeitada por Sócrates: a de partir para esquemas interpretativos, sobretudo autoritativos.

Neste caso, a resposta dada por monsenhor Jonas Abib mostra-se bastante diferenciada, retomando novamente o modelo da parresia apostólica, que, na busca por imediação, chega inclusive a dispensar as palavras:

O único jeito de fazer evangelização nos nossos tempos é através dos dons do Espírito Santo. Aliás, isso não é novidade. Foi assim que aconteceu com a Igreja primitiva. Especialmente São Paulo, que, enquanto os outros apóstolos iam para os judeus, Paulo foi enviado por Deus mesmo para os pagãos. O jeito de Paulo fazer a evangelização era levando diretamente as pessoas ao batismo no Espírito Santo e aos dons. Porque você imagina o seguinte: como era possível a um pagão, alguém chegar e falar a respeito de Jesus Cristo como um messias enviado, como o filho de Deus, para um pagão que não sabia de nada disso nem conhecia o Deus vivo, o Deus verdadeiro, não conhecia nada da história dos judeus. Então, se ele quisesse explicar toda a doutrina, desde os patriarcas, dos profetas, para chegar a Jesus Cristo, seriam anos em uma verdadeira escola, e é claro que isso não seria possível. O Espírito Santo inspirou Paulo, de maneira que ele ia direto levando as pessoas ao batismo no Espírito Santo. Batizadas no Espírito Santo, as pessoas já recebiam os dons, usavam os dons, e daí já se tornavam cristãs. A catequese vinha depois. O conhecimento bíblico vinha depois. Então veja bem: em primeiro lugar a pessoa recebia o Espírito Santo. Foi assim que aconteceu com a Igreja primitiva. É preciso hoje também.

Assim, não se trata da transmissão de conteúdos, mas da propiciação de determinada experiência. A ênfase de monsenhor Abib, calcada na urgência dos tempos anunciada pela retomada dos dons pneumáticos, assemelha-se à discussão das condições de felicidade da enunciação cristã realizada por Bruno Latour. O autor destaca “a existência de formas de discurso – novamente, não se trata apenas de linguagem – que sejam capazes de transmitir pessoas e não informação: seja porque produzem em parte as pessoas, ou porque novos estados – ‘novos começos’, como

diria William James – se produzem nas pessoas a quem esse tipo de fala se dirige” (Latour 2004:352). Neste ponto, a expressão carismática da parresia assemelha-se à emissão profética conforme descrita por Foucault, pois sempre vai ser proveniente de fontes exteriores ao emissor (mesmo no caso do vendedor, cujas abordagens são atribuídas à ação do dom).

A antropologia recente fornece descrições etnográficas que confirmam a possibilidade da experiência com o Espírito Santo como forma de veridicção acerca do cristianismo. De acordo com Joel Robbins (2004), os Urapmin⁵, que não possuíam práticas relativas à possessão, ficaram convencidos da veracidade da religião cristã através do ritual de preenchimento pneumático coletivo conhecido como *Spirit Disko*:

O fenômeno que marca os primeiros momentos do reavivamento para a maioria dos Urapmin é a possessão pelo Espírito Santo. A possessão por espíritos era uma nova prática para os Urapmin em 1977, já que eles não possuíam nenhuma tradição própria a respeito. Eles falavam da possessão como tendo sido “atingidos” pelo Espírito (Spiti i kikim mi), uma expressão demonstrando certa violência que tenta capturar a natureza da experiência à qual se refere. [...] Muitos Urapmin dizem que foi somente após terem essa poderosa experiência que eles finalmente se converteram de verdade ao cristianismo. Para aqueles que não tiveram tal experiência diretamente, o simples fato de terem sido testemunhas oculares de tal evento teve um poderoso efeito similar. É como alguém colocou, ecoando a palavra de muitos outros, “naquele tempo os mais empedernidos pagãos [que não foram possuídos] viram aquilo [pessoas sendo possuídas] e ficaram temerosos. Eles voltaram para os pastores e disseram, ‘É verdade, Deus existe. Eu devo adotar um nome cristão e ser batizado’” (Robbins 2004:131, tradução nossa).

Portanto, a parresia carismática é uma forma majoritariamente de *testemunho não verbal*, que se realiza mediante gestos, provisões rituais, comportamentos e signos corporais de transferência e manifestação do Espírito Santo; o que, por sua vez, exige maior quantidade de descrições fenomenológicas sobre a experiência, de certa maneira deslocando a ênfase histórica dos estudos sobre o cristianismo na relação entre pregação e *logos* – as modalidades informacionais do testemunho – para aquela entre evangelização e *pneuma* – as modalidades em que está em jogo a formação da pessoa⁶.

A parresia e a agência católica, possíveis implicações políticas

Em tese sobre o movimento neoateísta internacional, Gordon (2011) retoma a discussão de Eric Voegelin sobre a tensão fundante do cristianismo a partir do evento da *parousia* (presença): a relação entre a revelação trazida por Cristo no contexto

histórico do mundo greco-romano e o *escathon*, que, ao não se realizar, começa a exigir formas de convivência com o atual estado de coisas. Duas atitudes básicas parecem ter surgido da primeira quebra de expectativa em relação ao fim dos tempos, em função da manutenção do Império Romano. Em primeiro lugar, aquela relacionada ao milenarismo, responsável por movimentos políticos anti-hierárquicos principalmente durante a Idade Média. Conforme mostram autores como Norman Cohn (1972), a maior parte dos movimentos milenaristas tinha como programa depor as autoridades constituintes, especialmente as eclesiásticas, como forma de eliminação das mediações com os entes divinos, sobretudo no que diz respeito aos grupos que se dedicavam à experiência do Espírito Santo, quando o divino estava distribuído entre toda a assembleia. Turner (1974), ao falar de eventos como o franciscanismo, também destaca a importância da chamada “reversão de *status*” característica desses movimentos (como a horda de famélicos comandada pelo duque mendigo na época das Cruzadas), isto é, o abandono da posição social elevada em nome da fundação de coletividades igualitárias, em que se pudesse fazer perdurar o quanto possível o estado ritual da liminaridade, a *communitas*.

Em segundo lugar, tem-se a solução dada por Santo Agostinho, separando a dimensão do poder temporal das aspirações do mundo espiritual, que não se realizariam jamais no *sæculum*. Para Agostinho, a Cidade de Deus comporta a Igreja Católica na Terra e a dimensão espiritual onde vivem os seres divinos. O cristão deve buscar a cidadania divina, afastando-se de questões políticas, tão caras aos milenarismos vigentes entre os séculos III e IV e que persistiram nos movimentos messiânicos do Medievo, e mesmo depois, como, por exemplo, a constituição do “imperador do fim do mundo” e a divisão do mundo em eras (que está na base tanto do joaquinismo como da concepção de “Reich”, dentre outras inúmeras formulações escatológicas similares). A concepção de milênio agostiniana baseia-se na expansão progressiva da comunhão universal dos cristãos, a Igreja, desencadeada em especial a partir da revelação de Cristo e do Pentecostes, descartando a ruptura radical representada pelo reino terreno messiânico. Associa, a princípio, a principal modalidade católica de testemunho, o *exemplo*, ao modelo agostiniano, e a parresia, discutida ao longo do artigo, ao modelo milenarista, buscando pensar os tipos de testemunho como formas de ação sobre o mundo com implicações políticas.

O *exemplo* mostra-se inadequado do ponto de vista carismático devido ao regime de urgência da temporalidade escatológica, cujos efeitos transformativos se encontram em curso, como demonstra a própria atividade recorrente do Espírito Santo. Assim, o *kayrós* instituído pela manifestação paraclética não permite que se aguardem os efeitos graduais e a longo prazo do exemplo. A comunicação da evangelização carismática não pode ser difusa e esperar o engajamento mais ou menos voluntário do interlocutor, como no exemplo; mas, antes, deve se dirigir diretamente àqueles que se quer evangelizar e mobilizá-los para o ato, garantindo canais mais concretos de transmissão (como o contato físico da imposição de mãos, tornando o corpo caris-

mático poroso aos fluxos paracléticos e compósito no que diz respeito à presença de constituintes espirituais, com movimentos de entrada e saída).

No catolicismo, o testemunho pelo exemplo implica no trabalho sobre si de tornar-se exemplar. Conforme o *Catecismo da Igreja Católica* (§ 2.044, 2.045, 20.045), a principal forma de testemunho do cristão é a manutenção da vida exemplar, realizando a “imitação de Cristo” sem descuidar das “tarefas terrestres”. No que concerne à versão carismática, embora o fluxo do Espírito Santo em determinado indivíduo possa cessar, a transmissão ocorre segundo a fórmula *ex opere operato*, visto que são as “monções” paracléticas, e não exatamente as condições do canal nem do receptor, que garantem a efetividade da experiência.

Mas o aspecto político para o que se deseja chamar a atenção diz respeito ao lugar que a parresia carismática pode ocupar dentro dos regimes atuais de relação com a alteridade. O exemplo, como forma de testemunho, em que também se destaca a ação de elementos não verbais, vem sendo tomado como modelo para a Igreja Católica nas regiões em que a instituição está profundamente ligada ao colonialismo. Trabalhos sobre a ação do Centro Indigenista Missionário (Rufino 2002) e as Irmãzinhas de Jesus (Shapiro 1981) enfatizam a tentativa de promover a luta social e evitar práticas intervencionistas para com os povos indígenas, o que gera situações contraditórias, mas geralmente consideradas preferíveis aos conhecidos movimentos de demonização dos espíritos e rituais nativos (Meyer 1999)⁷. A exemplaridade também tem lugar na ação católica urbana em periferias, onde missões destinadas a jovens fazem com que trabalho social e formação religiosa possam se enfeixar através da noção de “inclusão” (Dullo 2011).

Tais propostas parecem estar informadas pelo reconhecimento contemporâneo da multiplicidade de valores, inclusive religiosos, e a tentativa de lidar com a diversidade cultural. O cenário em questão, segundo Robbins (2014), pode levar à manutenção de atitudes monistas, quando se procura preservar o arranjo hierárquico dos valores, ou pluralistas, em que os distintos valores se apresentam em conflito, como nos casos das controvérsias públicas envolvendo as definições do religioso (Montero 2016), criando o espaço discursivo de onde emerge muitas vezes a categoria “intolerância”, da qual indivíduos e instituições procuram se desvencilhar.

O exemplo parece comportar, mais que a parresia carismática, a capacidade de conciliação de temporalidades e concepções de ação católica nas quais a cristianização pode acompanhar ciclos exteriores ao programa religioso, como o desenrolar de determinadas agendas sociais. Pode, portanto, aderir a novos compromissos sem a necessidade de ruptura imediata característica do milenarismo. Pelo contrário, o modelo da interpelação faz da parresia carismática, mesmo que focada antes na experiência do que na reavaliação de conteúdos tradicionais, algo extremamente incômodo no atual cenário de disputas envolvendo a intolerância religiosa. Em termos da pragmática, são escassas as condições de felicidade para que a parresia possa se manifestar como forma de experimentar a verdade. No que diz respeito ao contexto

brasileiro, a expansão parresiasta, conforme observada pelo caso da Canção Nova, teve como ápice o pontificado de Bento XVI (2005-2013), quando a comunidade recebeu o reconhecimento pontifício e o papa fez, em 2010, visita especial aos grupos carismáticos do Vale do Paraíba Paulista, de onde se originou a maior parte das ideias comentadas aqui. Com o papa Francisco, cujo nome remete tanto à retomada da vida cristã exemplar quanto a certo ímpeto reformador de inspiração pneumática, os dois modelos de testemunho e, portanto, de ação política cristã podem ser ao mesmo tempo acionados em busca da relevância perdida pela Igreja Católica.

Referências Bibliográficas

- BADIOU, Alain. (2009), *São Paulo: a fundação do universalismo*. São Paulo: Boitempo.
- BARROSO, Maria Macedo. (2015), "Lógicas de espacialização missionária e agendas da cooperação internacional: uma perspectiva multissituada a partir de ações junto a povos indígenas". *Religião e Sociedade*, vol. 35, n° 2: 189-212.
- BONFIM, Evandro. (2012), *Canção Nova: Circulação de dons, mensagens e pessoas espirituais em uma comunidade carismática*. Rio de Janeiro: Tese de Doutorado em Antropologia Social, Museu Nacional, UFRJ.
- BROWN, Peter. (1999), *A Ascensão do Cristianismo no Ocidente*. Lisboa: Editorial Presença.
- COHN, Norman. (1972), *En Pos del Milenio: Revolucionarios, Milenaristas y Anarquistas Místicos de la Edad Media*. Barcelona: Barral Editores.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. (2009), *Bíblia Sagrada*. Brasília: Edições CNBB.
- CONGREGAÇÃO DOS MISSIONÁRIOS FILHOS DO IMACULADO CORAÇÃO DE MARIA. (2009), *Bíblia Sagrada*. São Paulo: Editora Ave Maria.
- DULLO, Eduardo. (2011), "Uma pedagogia da exemplaridade: a dádiva cristã como gratuidade". *Religião e Sociedade*, vol. 31, n° 2: 105-129.
- FIENUP-RIORDAN, Ann. (1991), *The real people and the children of thunder. The Yupik Eskimo encounter with Moravian missionaries John and Edith Kilbuck*. Norman/OK: University of Oklahoma Press.
- FOULCAUT, Michel. (2011), *A Coragem da Verdade*. São Paulo: Martins Fontes.
- GORDON, Flávio. (2011), *A Cidade dos Brights. Religião, Política e Ciência no Movimento Neo-Ateísta*. Rio de Janeiro: Tese de Doutorado em Antropologia Social, Museu Nacional, UFRJ.
- HARDING, Susan. (1987), "Convicted by the Holy Spirit: the rhetoric of fundamentalist Baptist conversion". *American Ethnologist*, vol. 14: 167-182.
- KEANE, Webb. (2002), "Sincerity, Modernity, and the Protestants". *Cultural Anthropology*, vol. 17, n° 1: 65-92.
- LATOUR, Bruno. (2004), "'Não Congelarás a Imagem' ou como não desentender o debate entre a religião e a ciência". *Mana. Estudos de Antropologia Social*, vol. 10, n° 2: 349-375.
- MEYER, Birgit. (1999), *Translating the Devil. Religion and Modernity among the Ewe in Ghana*. Trenton: African World Press.
- MONTERO, Paula. (2012), *Selvagens, Civilizados, Autênticos. A produção da diferença nas etnografias salesianas (1920-1970)*. São Paulo: Edusp.
- _____. (org.). (2016), *Religiões e Controvérsias Públicas. Experiências, Práticas Sociais e Discursos*. São Paulo/Campinas: Editora Terceiro Nome/Editora Unicamp.
- MOSKO, Mark. (2010), "Partible Penitents. Dividual personhood and Christian practice in Melanesia and the West". *Journal of the Royal Institute of Anthropology*, vol. 16, n° 2: 215-240.

- PETERS, John Durham. (1999), *Speaking into the Air: a History of the Idea of Communication*. Chicago: University of Chicago Press.
- ROBBINS, Joel. (2004), *Becoming Sinners: Christianity and Moral Torment in a Papua New Guinea Society*. Berkeley: University of California Press.
- _____. (2008), "On not knowing other minds: confession, intention, and linguist exchange in a Papua New Guinea Community". *Anthropological Quarterly*, vol. 81, n° 2: 431-441.
- _____. (2014), "Pluralismo Religioso e Pluralismo de Valores: Ritual e a Regulação da Diversidade Intercultural". *Debates do NER*, ano 15, n° 26: 15-41.
- RUFINO, Marcos Pereira. (2002), "'Ide, portanto, mas em silêncio'. Faces de um indigenismo católico heterodoxo". São Paulo: Tese de Doutorado em Antropologia Social, Universidade de São Paulo.
- SAGRADA CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. (1992), *Catecismo da Igreja Católica*. São Paulo: Loyola.
- SCHIEFFELIN, Bambi. (2008), "Speaking only your own mind: reflections on talk, gossip and intentionality in Bosavi (PNG)". *Anthropological Quarterly*, vol. 81, n° 2: 421-430.
- SHAPIRO, Judith. (1981), "Ideologies of Catholic Missionary Practice in a Postcolonial Era". *Comparative Studies in Societies and History*, vol. 23, n° 1: 130-149.
- TURNER, Victor. (1974), *O Processo Ritual. Estrutura e Antiestrutura*. Petrópolis: Vozes.
- XAVIER, Carlos César Leal. (2013), *Os Koripako do Alto Içana – Etnografia de um grupo Indígena Evangélico*. Rio de Janeiro: Tese de Doutorado em Antropologia Social, Museu Nacional, UFRJ.

Notas

- ¹ Os relatos sobre mudança de vida a partir da conversão, geralmente envolvendo milagres ou outras experiências sobrenaturais, estão ligados ao discurso fundador da Estrada de Damasco, à visão do Cristo ressuscitado e ao posterior adoecimento e cura de Saulo de Tarso. As características dessa forma de testemunho, bem como a ideologia linguística que representa, a da *inwardness* associada ao Ocidente moderno, estão presentes nas discussões de Harding (1987), Keane (2002), Robbins (2008) e Schieffelin (2008), dentre outros.
- ² Para os carismáticos brasileiros, o Espírito Santo "sopra onde quer" (João 3:8), manifestando-se como o vento, com sazonalidade particular, sendo condizente com a concepção nativa tratar os fluxos do Paracleto como regimes de "monções" pneumáticas.
- ³ As descrições de situações e trechos de falas de membros de comunidades da Renovação Carismática brasileira são provenientes de material colhido em trabalho de campo junto ao grupo Canção Nova, nas cidades de Queluz (Irmão Marcelo), Cachoeira Paulista (Monsenhor Jonas Abib) e Rio de Janeiro (Damião), entre agosto de 2009 e dezembro de 2010.
- ⁴ A Fraternidade de Aliança Toca de Assis surgiu em Campinas em 1994 e tem como principal dom, conforme aludido anteriormente, acolher moradores de rua prestando assistência básica como asseio e alimentação. Muitos dos próprios atendidos acabavam se tornando eles mesmos integrantes do grupo, prevalecendo a inspiração do chamado carismático no lugar das sucessivas fases de integração do grupo, como ocorre na Canção Nova. Em 2009, momento de realização da pesquisa, a Toca de Assis passava por grande reestruturação, e o fundador da comunidade, padre Roberto Lettieri, havia sido afastado. Assim, a questão da possibilidade de interferência institucional na formação carismática da comunidade, que também forma sacerdotes, mostrava-se candente na época da conversa.
- ⁵ Os Urapmin são um povo melanésio que possuía certa centralidade no sistema ritual regional por guardar os ossos ancestrais de outros grupos falantes de línguas Min. A exploração de minérios em meados da década de 1970 nos territórios dos parceiros rituais fez com que os Urapmin passassem a ocupar lugar periférico na região por ficarem despossuídos dos elementos considerados importantes, como aeroporto, postos de trabalho e bens de consumo. De acordo com Robbins (2004), a possibili-

dade de conversão ao cristianismo foi uma forma de se tornarem também partícipes, mas de maneira profunda, de um dos eixos centrais dos valores ocidentais.

- ⁶ A pessoa pneumática gnóstica – modelo que conviveu com os primeiros momentos do cristianismo –, por exemplo, compartilhava, com o verdadeiro criador, o *pneuma*, que ademais continuava a ser emanado das altas esferas como forma de contínua constituição da pessoa e recepção de conhecimento sobre as verdades fora do mundo preparado pelo demiurgo. A pessoa pneumática carismática possui momentos como a oração com imposição de mãos e o chamamento do Espírito Santo durante a missa como forma de colocar em fluxo o Paraclito, tornando-o constituinte do católico renovado, muitas vezes em contraposição a elementos demoníacos prévios expurgados por fluxos espirituais como a cadeia sonora das línguas dos anjos – ver Bonfim (2012).
- ⁷ Trabalhos que mostram a variedade de resultados da ação missionária evangélica junto a povos nativos, que procuram tanto reconhecer a diversidade dos discursos missionários como as possibilidades diferenciadas de apropriação por parte dos evangelizados são: Barroso (2015), Xavier (2013), Fienup-Riordan (1991) e Mosko (2010).

Recebido em abril de 2016.
Aprovado em julho de 2016.

Evandro de Sousa Bonfim (evandrobonfim@hotmail.com)
Pesquisador Associado do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP). Bolsista de Pós-Doutorado da Fundação de Pesquisa do Estado de São Paulo (Processo FAPESP 2015/26464-9). Doutor em Antropologia Social pelo PPGAS/MN/UFRJ.

Resumo:

Das relações entre Exemplo e Parresia: formas de evangelização católica

O artigo tem como objetivo articular a questão das modalidades de testemunho, dentro do catolicismo, com as modalidades de veridicção – as formas de dizer a verdade estudadas por Foucault – através da noção de *parresia*, conceito grego com importantes conotações para a vida pública, que tem sido retomado pela Renovação Carismática como dom do Espírito Santo. A descrição da *parresia* através de dados etnográficos permitirá a percepção de movimentos de diferenciação interna à Igreja Católica, com a chamada “ousadia no Espírito Santo” estabelecendo relações de oposição e complementaridade com o modelo do *exemplo*, substituindo-o por atitudes interpelativas que incluem a própria transmissão pneumática, gerando modelos distintos de ação sobre o mundo com conotações políticas.

Palavras-chave: testemunho, parresia, renovação carismática.

Abstract:

On the relations between Example and Parrhesia: styles of Catholic evangelization

The article aims to articulate the issue of ways to testify, within Catholicism, with the modalities of veridiction – styles of truth-telling studied by Foucault – through the notion of *parrhesia*, a Greek concept crucially related to connotations for public life, which nowadays it has been taken over by the Charismatic Renewal as a gift of the Holy Spirit. The description of *parrhesia* through ethnographic data will allow the perception of internal differentiation occurring in the Catholic Church. The “boldness in the Holy Spirit”, as *parrhesia* is often called, is establishing relations of opposition and complementary with the *exemplar life*, replacing it with apostrophic attitudes including pneumatic transmission, which entails different models of action on the world with political overtones.

Keywords: testimony, parrhesia, charismatic renewal.